

## A aliança do poeta no exílio: Edmond Jabès e a questão da língua

Maria Angélica Deângeli<sup>1</sup>(UNESP)

### Resumo:

*Em um ensaio consagrado a Jabès, “Edmond Jabès et la question du livre”, Derrida (1967) analisa as marcas da poética (e da judeidade jabetesiana) narradas no Livro, ou seja, os tantos livros do poeta que metaforizam o Grande Livro das escrituras sagradas. Numa espécie de paródia derridiana, deslocamos a questão do Livro para a problemática da língua. Judeu, nascido no Cairo e educado em meio francófono, o francês terá sido para Jabès a língua da reconciliação da escritura com o mundo. Na própria trajetória do poeta aparecem os traços fragmentados de uma língua edificada em ausência e em errância; língua que marcará uma escritura dilacerada entre a palavra perdida e a palavra prometida. A partir da leitura de **Livre des questions** (1963) e **Désir d’un commencement, angoisse d’une seule fin** (1991), procuraremos mostrar como, em Jabès, a língua (do estrangeiro, do outro do outro) constitui a aliança necessária do poeta com o exílio, a memória, o desejo e o próprio sofrimento.*

### Palavras-chave: Edmond Jabès, língua, livro, exílio, judeidade

Por que falar de aliança ao evocarmos os escritos de Jabès? Seria possível fazer aliança no/com (o) exílio ou, ainda, a aliança seria a única forma aceitável de exílio? De que aliança tratar-se-ia então? A aliança do poeta com a língua (junção de escolhas não-escolhidas)?

A questão da aliança<sup>2</sup> (que seria também uma questão de obediência à Lei e de fidelidade à língua) interessa-nos, num primeiro momento, para situarmos a poética de Jabès numa dimensão histórica e literária marcada por acordos, pactos, promessas, encontros, matrimônio, mas também rupturas, dissensões, divórcio e ausência.

Judeu, nascido no Cairo e educado, entretanto, em meio francófono, o francês terá sido para Jabès a língua da aliança da escritura com o mundo. Na própria trajetória do poeta, obrigado a deixar o Egito devido às suas origens judias, aparecem os traços fragmentados dessa língua edificada em ausência e em errância, como ele nos revela:

Eu nunca soube onde estava. Quando estava no Egito, estava na França. Desde que estou na França, estou em outro lugar. De novo, o problema do estrangeiro. O estrangeiro não sabe mais qual é o seu lugar. O estrangeiro parte para um país como se pudesse refugiar-se numa imagem ideal. Mas nenhum país assemelha-se a tal imagem. Só existe a língua. Se um estrangeiro vai para um país porque escolheu a língua desse país, ele encontra seu lugar. Mas ele encontra seu lugar onde? Simplesmente nessa língua. Ora, essa língua que ele aperfeiçoa incessantemente

---

<sup>1</sup>

<sup>2</sup> Cabe lembrar que a “Antiga Aliança” diz respeito a um pacto entre os hebreus e Javé e figura como um dos fundamentos do judaísmo.

não é mais a língua que se fala ao redor dele. Seu lugar é o lugar da língua: o livro. (JABES, 1989, p.22).<sup>3</sup>

Do país estrangeiro só resta então a língua (*Il n'y a que la langue*). Entretanto, podemos nos perguntar: que língua é essa que “não é mais a língua que se fala ao redor dele [o estrangeiro]”? (*Or cette langue qu'il ne cesse de perfectionner n'est plus la langue qui se parle autour de lui*). A língua é o lugar, e o lugar da língua é o livro. Eis a problemática jabesiana evocada por Derrida (1967) em “Edmond Jabès et la question du livre”.

Derrida assinala, a partir da leitura de Jabès, principalmente da obra *Livre des questions* (1963), a existência do mundo no/pelo livro segundo a óptica de Jabès, como podemos constatar nos seguintes fragmentos: “O mundo existe porque o livro existe...”/ “O livro é a obra do livro.”/ “O livro multiplica o livro.” (JABES, 1963 apud DERRIDA, 1967, p. 113).

Não existiria, então, *le hors livre* (o fora-do-livro). O livro estaria no começo e anunciaria um fim, mas nunca o fim do livro, como observa Derrida: “Tudo (se) passa no livro. Tudo deverá habitar o livro. Os livros também. Eis a razão pela qual o livro nunca está acabado. Ele permanece sempre em sofrimento e em vigília.” (1967, p. 113).

O “livro” do poeta remeteria, dessa forma, ao Grande Livro dos judeus. Nesse Livro estaria gravado o nome de Javé que, fruto de um acordo entre os homens e o próprio Javé, não deveria nunca ser pronunciado “em vão”. Assim, em respeito e obediência à Lei, o nome de Deus seria evocado pelo nome “O Nome” (*Ha-shem*) (Robin, 1997). “Abra meu nome. / Abra meu livro”, dirá o poeta (JABES, 1991, p. 32).

Nomear o outro, dar a existir pela existência do nome no Livro e, ainda, ter o Livro como testemunho da própria existência. Narrativas de um destino judeu. “Ter como testemunha o livro – escrevia um sábio – é ter o universo todo como defensor” / “Salvos pelo livro salvo.” / “O judeu faz face ao judeu, como a página do Livro [faz face] à página do Livro.” (JABES, 1991, p. 23-24). A confirmação da existência judaica registrada no Livro; o amálgama do ser-judeu (*être-juif*) e do livro na proclamação da idéia de que podem (*le juif et le livre*) tornar-se o “mesmo” (*le même*). Um e outro (*Le juif fait face au juif, comme la page du Livre à la page du Livre.*) como pertencimentos ao que faz «um»: um povo, uma raça, uma língua, uma aliança (sagrada) e o sonho de uma terra prometida. Não há mais dissociação possível entre sujeito e escritura, mundo e livro, poesia e língua, o que se constata na declaração do poeta:

(Ah, esse livro, esse livro que seria meu, como meu coração e meus olhos, como minhas mãos e minhas pernas. / Esse livro que preenche meus pensamentos. / Mas se me perguntarem: Em que você está pensando?, eu respondo, impassível: Em nada. / Esse Nada, meu único livro?) (JABES, 1991, p. 14).

Nessa mesma obra, intitulada *Désir d'un commencement, angoisse d'une seule fin* (1991), o poeta interroga-se sobre sua própria identidade, sobre a sorte do povo judeu e os acontecimentos da guerra. Deflagra-se, assim, certa enunciação combativa na escritura poética de Jabès: a constatação do sofrimento de Auschwitz seguida pelo desejo de vingança: “Se, como escrevia Heráclito: ‘O raio cria o universo’, talvez possamos dizer que a ferida cria o homem. / Como, do abismo da noite, surgiram os astros, o homem da segunda metade do século vinte nasceu das cinzas de Auschwitz”. (JABES, 1991, p. 15).

Das cinzas de Auschwitz nasceu o homem da segunda metade do século XX (*l'homme de la seconde moitié du vingtième siècle est né des cendres d'Auschwitz*). As feridas continuam abertas, e o tempo não pode cicatrizá-las; pois, de modo geral, todo homem é também fruto de uma *blessure* (ferida). O homem na confluência do abismo. O abismo como morada (*demeure*) do homem, e a

<sup>3</sup> Todas as traduções ao longo do texto são minhas.

judeidade como marca de um sofrimento que permanece (*demeure*); mas que, do íntimo de sua humilhação, aspira à vingança como forma de reconciliação com a vida: “A serpente é, talvez, uma palavra tão estirada que só poderá arrastar-se sobre sua própria sombra. / Cruel humilhação. / Inaceitável. / Seu veneno, no entanto – Vingança. Vingança. – a reconcilia com a vida.” (JABES, 1991, p. 18).

Escrever, para Jabès, é uma forma de se reconciliar com a vida ((*Son venin, cependant – Vengeance. Vengeance, – le réconcilie avec la vie*), e esse ato (de vingança) implica uma “aliança” necessária à sobrevivência (do poeta, do judeu). No entanto, essa escrita, que se diz a si mesma de si própria, é em si e por si uma escrita dilacerada, que se desloca, como dirá Derrida (1967), “sobre uma linha dividida (*ligne brisée*) entre a palavra perdida e a palavra prometida” (p. 104). Ao nomear-se, dizer-se escrita e inscrita pelo nome do poeta, tal escritura é, também, a aventura do/no abismo. Ainda de acordo com Derrida: “A escritura escreve-se, mas abisma-se em sua própria representação” (p.101).

Representações de si e do outro na representação própria da escritura. Mas quem seria esse si mesmo como outro? No poema intitulado “Angoisse d’une seule fin”, o *unheimlich* (estranhamente familiar ou familiarmente estranho) jabetesiano vem à tona. A técnica utilizada pelo poeta é a do espelhamento: espelhar-se na tentativa de se descobrir a si mesmo; mas vislumbrar, na imagem refletida no espelho, os reflexos de um outro. Na origem do eu, o outro. O outro eu, estrangeiro, errante, está “desde sempre” (*toujours déjà*) originariamente ausente como si mesmo. Tal como escreve o poeta:

No espelho do meu banheiro, vi surgir um rosto que teria podido ser o meu, mas cujos traços, pela primeira vez, parecia descobrir. / Rosto de um outro e, no entanto, tão familiar. / Reunindo minhas lembranças, encontrava, por meio dele, o homem com o qual me confundem, mas que, desde sempre, fora, para mim, um estrangeiro. / De repente, o rosto desapareceu e o espelho, tendo perdido sua razão de ser, só refletia a superfície da parede, lisa e branca, que lhe fazia face. / Página de vidro e página de pedra, dialogando entre si, solitárias e cúmplices. / O livro não tem nenhuma origem. (JABES, 1991, p. 32-33).

Na memória do eu, a indagação sobre o(s) outro(s). Uma memória marcada por silêncios e rupturas que se faz reavivar pela própria escritura, ainda que seja para mostrar que esse “eu” desde sempre (*de tout temps*) fora um estrangeiro (*il fut, pour moi, un étranger*).

Escritura marcada pela memória de um povo em exílio que busca seu próprio lugar na história. Mas que lugar é esse? Ao que o poeta responde: “O estrangeiro não sabe mais qual é o seu lugar. O estrangeiro parte para um país como se pudesse refugiar-se numa imagem ideal. Mas nenhum país assemelha-se a tal imagem.” (*L’étranger ne sait plus quel est son lieu. L’étranger part pour un pays comme s’il pouvait se réfugier dans une image idéale*). (JABES, 1989, p.2).

O destino da judeidade em Jabès se confundiria, então, com esse não-lugar, essa ausência de lugar e de origem (de lugar-de-origem). Contrariamente a outros pensadores, para quem a judeidade poderia representar “[um] engajamento judeu, [uma] consciência judaica [e a] inscrição num destino judeu” (Levy, 2001, p.2), para Jabès, tal dimensão identitária só faz sentido enquanto dispersão e não-coincidência de si mesmo consigo próprio, enquanto disseminação e não agrupamento; enfim, se algum traço de identidade pode ser resgatado na poética jabetesiana é o do questionamento do próprio eu e, conseqüentemente, de sua própria história, tal como ele escreve em *Parcours* (1985): “Quem sou eu? / Responderei/ um escritor, menos para exibir meu judaísmo do que para me distanciar dele/ a fim de me deslizar facilmente nessa fissura.” (p. 15).

Clara Lévy (2001), ao abordar a problemática da relação entre escritura e identidade em escritores judeus contemporâneos de língua francesa, propõe uma inversão entre os pólos da dita relação; segundo a autora:

A relação entre a judeidade e a escritura não deve, no entanto, ser considerada unicamente de um ponto de vista unilateral – a literatura irrigada por certos assuntos específicos - ao qual conduz, quase inevitavelmente, uma abordagem das obras que constituem o *corpus*. Convém, de fato, inverter a perspectiva e interrogar-se sobre a maneira segundo a qual a própria escritura concorre para a elaboração da judeidade do escritor. (LEVY, 2001, p. 9).

Embora tente inverter os eixos que estabelecem a suposta relação, tal postura não se distancia de uma visão “positivista” de identidade, ou seja, de um todo com traços bem definidos que permita dar coesão (identitária) a um grupo; no caso em questão, o conjunto dos “escritores judeus contemporâneos de língua francesa”.

Essa abordagem parece-nos um tanto comprometida se, por um lado, considerarmos a impossibilidade de *clôture* (fechamento) desse conjunto imaginário e, por outro, se levarmos em conta os riscos de “guetorização” que tal pensamento pode implicar. Na leitura que propomos de Jabès, recorreremos, então, a Derrida que, ao interpretar as “judeidades”<sup>4</sup> do poeta, afirma:

Nessa não-coincidência de si consigo próprio, ele é mais judeu e menos judeu do que o Judeu. Mas a identidade em si do Judeu talvez não exista. Judeu seria o outro nome dessa impossibilidade de ser si. O Judeu é dilacerado e está, antes de tudo, entre estas duas dimensões da letra: a alegoria e a literalidade. (DERRIDA, 1967, p. 112).

«Alegoria » e «literalidade» que se dão quanto a Jabès no recurso e no apelo à língua francesa. Língua de um outro lugar (*ailleurs*), do estrangeiro, do outro do outro, da busca incessante de lugar e, sobretudo, língua da sua poesia. Exilar-se na outra língua (que é sempre língua do outro) para poder dizer a si mesmo e aos outros a poeticidade do eu. Do estrangeiro só lhe resta, então, a língua, como ele próprio nos diz: “Só existe a língua. Se um estrangeiro vai para um país porque escolheu a língua desse país, ele encontra seu lugar. Mas ele encontra seu lugar onde? Simplesmente nessa língua.” (*Il n’y a que la langue. Si un étranger vient dans un pays parce qu’il en choisit la langue, il y trouve son lieu. Mais il trouve son lieu où? Simplement dans cette langue.*). (JABES, 1989, p.2).

Buscar morada na língua do outro (e trata-se de um “idioma francês”) para narrar o próprio exílio. Língua que permanece (*demeure*) para sempre (*à demeure*) sem morada (*sans demeure*).<sup>5</sup>

Marc Crépon, numa obra intitulada *Langues sans demeure* (2005), chama a atenção, a partir da leitura de Derrida, para a questão da língua e da morada ou da morada da língua. Segundo o autor, sentimo-nos bem confortados com a imagem familiar e segura de uma *langue à demeure* (de uma língua de casa, em casa). Seria necessário reconsiderar essa imagem “habitual” e deslocarmos o problema para *l’étrangéité à demeure* (a estranheza [para sempre] em casa [na própria casa]). Sobre a impossibilidade da *langue à demeure*, Crépon afirma:

O *oikos*, na verdade, é o patrimônio, a morada estendida ao conjunto das propriedades que a acompanham – ou seja, aquilo que o mestre possui e sobre o qual exerce um direito de propriedade. Mais uma vez, é o tema da língua que se nos impõe, salvo que se trata de uma morada marcada, de imediato, pelo selo de sua impossibilidade. O que seria uma morada impossível? (CREPON, 2005, p. 37-38).

<sup>4</sup> Sobre a problemática da elaboração de um possível conceito de “judeidades”, remetemos ao texto de Jacques Derrida: “Abraham, l’autre” (2003).

<sup>5</sup> Em francês faríamos um uso “quase abusivo” da palavra *demeure* para simbolizar toda essa empreitada da língua em errância: *langue qui demeure à demeure sans demeure* (língua que permanece para sempre sem morada).

“O que seria uma morada impossível?” (*Qu’est-ce qu’une demeure impossible?*). Pergunta que poderíamos dirigir ao poeta que, não por acaso, a uma reunião de poemas que vão de 1943 a 1957, deu o título de *Je bâtis ma demeure* (1959). Narrativas do sonho de um sono acordado em busca do lugar (*demeure*) prometido: “morada marcada, de imediato, pelo selo de sua impossibilidade” (*demeure aussitôt marquée du sceau de son impossibilité*).

“Mais uma vez é o tema da língua que se nos impõe” (*Encore une fois, c’est le thème de la langue qui s’impose à nous*).

Para Jabès” (1989) “só existe a língua», a língua da aliança do poeta no exílio. Derrida (1996) dirá, entretanto, que “uma língua não existe. Presentemente. Nem a língua. (...) [só] existe a doação (*donation*) de língua.” (p.123-125). No entanto, de que língua falam Jabès e Derrida? Poderíamos dizer que ambos falam do exílio na língua francesa, de uma língua que se lhes apresenta como (a) possibilidade da escritura. Língua que “presentemente” não existe em sua totalidade absoluta (ao que eventualmente o poeta poderia aspirar), mas que lhes é dada (*langue donnée*) enquanto “acontecimento da chegada do outro”, para retomar uma expressão prezada por Derrida (1996) <sup>6</sup>, enfim, língua da escritura da memória, do desejo e do sofrimento.

A inscrição de si nessa língua dada (ou nessa doação de língua) não se faz sem deixar marcas no corpo do poeta e no *corpus* da escritura, como podemos ler em sua invocação do Livro: “Assinale com um marcador a primeira página do livro, pois a fissura está inscrita em seu começo. Reb Alcé.” (JABES, 1963 *apud* DERRIDA, 1967, p. 104).

A fenda está inscrita na letra (do livro) do exílio, como se não houvesse escrita sem sofrimento. Difícil aliança que se estabelece entre o poeta e sua escritura. Pacto de sangue (*marque d’un signet rouge*) para quem narra a memória de si (e da língua) no acontecimento do livro. Bastaria, então, escrever o Livro da língua, o livro enquanto língua e a língua enquanto (não) lugar. Percurso fragmentado que levará o poeta a escrever:

Minha pátria é minha língua. / Assim, o país da minha língua tornou-se o meu país, ele se dizia. / E acrescentava: Dois países dividem minha alma. / O primeiro – aquele de onde venho – me fala de minha ausência originária. / O segundo – aquele em direção ao qual eu fui – me habitua à página virada de onde minha palavra nascerá. / A língua possui, para ele, a língua. / O exílio da língua é a condição do exilado. (JABES, 1989, p. 14-15).

O exílio na língua e, conseqüentemente, o exílio da língua dividem o poeta que acaba por se «encontrar» num lugar forjado pelo *entre-deux* (entre-dois): entre duas histórias, entre dois países e entre duas línguas. De um lado, a história marcada pela ausência de origem, ou, a história para sempre deslocada (*Le premier (...) me parle de mon originaire absence*). De outro, a página virada do livro (da vida) que escreverá a narrativa da ausência: a ausência de lugar, de si, do outro e da própria memória da narrativa que será resgatada pela “língua” (*Le second (...) m’accoutume à la page tournée d’où ma parole poindra*). Assim, em meio a essa aliança rompida, algo, no entanto, permanecerá: a língua (*La langue a, pour lui, la langue*). Língua que se apropria da língua para dizer a palavra do outro, mas que em si mesma é “inapropriavelmente apropriável”, como atestará Derrida (1998) <sup>7</sup>. Num movimento de “ex-apropriação” absoluta, o poeta buscará para sempre (*à demeure*) o lugar de encontro com essa língua. Tarefa infinita que nunca se cumprirá e que, no

<sup>6</sup> Derrida dirá sobre o acontecimento da língua, em *Le Monolinguisme de l’autre* (1996), que: “(...) la langue est à l’autre, venue de l’autre, la venue de l’autre.” (p. 127).

<sup>7</sup> A propósito da impossibilidade de apropriação do idioma, Derrida dirá: “Mais il me semble que le paradoxe de l’héritage, comme celui de l’idiome, qui veut dire le propre, l’approprié ou l’appropriable, c’est qu’on ne peut pas s’approprier ce droit: on hérite en somme, d’une façon étrange, de l’inappropriable. (...) Le paradoxe de l’idiome, même pour qui parle idiomatiquement son idiome, (...), c’est qu’on ne se l’approprié pas.” (1998, p. 260-61).

entanto, aparece como condição de existência dessa mesma língua. Palavra prometida. Promessa não cumprida. Eis os desafios da aliança de quem se submete à Lei absoluta da Língua e do Livro.

“O exílio da língua é a condição do exilado” (*L'exil de la langue est la condition de l'exilé*). Nesse sentido é que nos permitimos parodiar Derrida e deslocarmos a questão do Livro para a problemática da Língua. A tessitura do Livro está ligada à trama da Língua. A língua do Livro é a Língua do exílio e, nos escritos de Jabès, cada poema implica uma forma de se exilar. Afinal, a escritura não seria por si só uma forma de exílio, o exílio de si mesmo na(s) outra(s) língua(s)?

## **Referências Bibliográficas:**

CREPON, M. **Langues sans demeure**. Paris: Galilée, 2005.

DERRIDA, J. «Edmond Jabès et la question du livre». In: \_\_\_\_\_. **L'écriture et la différence**. Paris: Seuil, 1967, p. 99-116.

\_\_\_\_\_. **Le monolinguisme de l'autre** - ou la prothèse d'origine. Paris: Galilée, 1996.

\_\_\_\_\_. **Fidélités à plus d'un**: mériter d'hériter où la généalogie fait défaut. Rencontre de Rabat avec Jacques Derrida. Paris: Cahiers Intersignes; Casablanca: Toubkal, 1998. p. 221-265.

\_\_\_\_\_. Abraham, l'autre. In: COHEN, J. et ZAGURY-ORLY, R. (Orgs.). **Judéités** – questions pour Jacques Derrida. Paris: Galilée, 2003, p. 9-41.

JABES, E. **Je bâtis ma demeure**. Paris: Gallimard, 1959.

\_\_\_\_\_. **Parcours**. Paris: Gallimard, 1985. Disponível em  
<<http://tolerance.ca/ArticleImpr.aspx?ID=6678>>. Acesso em 11/01/2008.

\_\_\_\_\_. **Un étranger avec, sous le bras, un livre de petit format**. Paris: Gallimard, 1989. Disponível em  
<[http://www.telequebec.tv/sites/idees/chasseurs\\_idees\\_1999/archives/20000320/theme....](http://www.telequebec.tv/sites/idees/chasseurs_idees_1999/archives/20000320/theme....)>. Acesso em 31/10/2007.

\_\_\_\_\_. **Désir d'un commencement, Angoisse d'une seule fin**. Fata Morgana, 1991.

LEVY, C. Le double lien entre écriture et identité: le cas des écrivains juifs contemporains de langue française. CAIRN – Sociétés Contemporaines, v.4, n. 44, p. 75-90, 2001. Disponível em  
<[http://www.cairn.info/article\\_p.php?ID\\_ARTICLE=SOCO\\_044\\_0075](http://www.cairn.info/article_p.php?ID_ARTICLE=SOCO_044_0075)>. Acesso em 11/01/2008.

ROBIN, R. **Le golem de l'écriture**: de l'autofiction au cybersoi. Montréal: XYZ éditeur, 1997.

---

## **Autora**

**Maria Angélica DEÂNGELI (Doutoranda)**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - São José do Rio Preto/SP (UNESP)

Departamento de Letras Modernas

E-Mail: [deangeli@ibilce.unesp.br](mailto:deangeli@ibilce.unesp.br)